

UMA VISÃO GERAL SOBRE AS DOCTRINAS

Caro leitor, é bom tê-lo de volta para mais um número da nossa Revista. Nesta edição, em especial, vamos trabalhar com a Bíblia como um todo, em vez de uma parte específica. Nossa estratégia será estudar por meio das formulações doutrinárias dos batistas brasileiros. A Bíblia continuará sendo nossa fonte, mas o roteiro agora é o da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.

Para ajudá-lo, gostaria de recomendar que você pudesse também ter acesso ao texto integral da própria Declaração Doutrinária. Nas lições aparecerão algumas partes, mas seria muito bom se consultasse todo o documento, que se encontra no site da Convenção Batista Brasileira.

Às vezes, ouvimos que doutrina não é importante e, sim, a prática da vida cristã. Não se nega o grande valor da prática, mas não se pode esquecer que ela está intimamente ligada ao que cremos. De onde vem, por exemplo, a segurança e a paz que sentimos quanto à nossa salvação, que Jesus nos garantiu pleno perdão pelo evangelho, e isso é doutrina!

Se conhecemos bem as doutrinas da nossa fé vamos poder justificá-las diante daqueles que nos indagarem a razão do que cremos e explicar com mais convicção o que os outros veem em nós.

As lições do período são embasadas na Declaração de Fé da Convenção Batista Brasileira, e segue o seu temário e as linhas gerais do seu conteúdo. Suplementarmente, são desenvolvidos alguns tópicos visando aprofundar a compreensão do conteúdo estudado.

Esta revista foi preparada para você. Então, um bom estudo.

Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

Atitude Aluno é uma revista que destina-se aos jovens (18 a 35 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, artigos gerais, passatempos bíblicos e outras matérias que promovem o aperfeiçoamento do jovem nas mais diferentes áreas

Copyright © Convicção Editora

Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Valtair Afonso Miranda

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Hígino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1ª Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
falecom@conviccaoeditora.com.br

ISSN 1984-8633

LITERATURA BATISTA

ANO CXVII – Nº 467

AUTOR DOS ESTUDOS DA EBD

O autor das lições deste período é o pastor André Daniel da Costa Loureiro, formado pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB/RJ) em 2011.

nota da redação

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do corpo redatorial da revista.

//SUMÁRIO

//EBD

Lição 1 – As Escrituras Sagradas.....	11
Lição 2 – Deus Pai, Filho e Espírito Santo.....	16
Lição 3 – O homem e o pecado.....	21
Lição 4 – Salvação e eleição.....	26
Lição 5 – O reino de Deus e a igreja.....	31
Lição 6 – O batismo e a ceia do Senhor.....	36
Lição 7 – O dia do Senhor.....	41
Lição 8 – Ministério da Palavra.....	46
Lição 9 – Mordomia cristã.....	51
Lição 10 – Evangelização, missões e educação religiosa.....	56
Lição 11 – Liberdade religiosa e ordem social.....	61
Lição 12 – Família.....	66
Lição 13 – A morte, justos e ímpios.....	71

//SEMPRE EM ATITUDE

Leitura bíblica.....	4
Tema da EBD.....	5

//AINDA EM ATITUDE

Poesia: A arte de domar o tempo.....	76
Bíblia e exegese: Evangelho para todos os povos.....	78
Para pensar: Bons filhos, péssimos pais.....	83
Levando a Bíblia a sério: A mentalidade da juventude cristã.....	84
Reflexão teológica: A natureza da inspiração bíblica.....	89
Pequenos contos para inspirar: A flor da verdade.....	95

» LEITURA BÍBLICA

Semana 1

SEG Sl 119.89; Hb 1.1
TER Is 40.80; Mt 22.29
QUA Ex 24.4; 2Sm 23.2
QUI Lc 16.29; Rm 1.16
SEX Sl 19.7-9; Sl 119.105
SÁB Jo 12.47,48; 2Cr 24.19
DOM Lc 24.44,45; Mt 5.22,28

Semana 2

SEG Dt 6.4; Jr 10.1
TER Gn 1.1; Gn 17.1
QUA Is 64.8; Mt 6.9
QUI Ex 4.22,23; Dt 32.6-18
SEX Sl 2.7; 110.1; Mt 1.18-23
SÁB Jo 1.3; 1Co 8.6
DOM Jl 2.28-32

Semana 3

SEG Gn 1.26-31; Sl 8.1-9
TER Gn 2.7; 3.19; Ec 12.7
QUA At 17.26-29
QUI Gn 2.15-17; Rm 3.23
SEX Gn 3.12; Rm 5.12
SÁB Sl 51.4; Mt 6.14,15
DOM Jo 3.36; Rm 5.12-19

Semana 4

SEG Sl 37.39; Is 55.5
TER Dt 30.6; 2Co 1.21,22
QUA Is 53.11; At 13.39
QUI Jo 17.17; Rm 12.1,2
SEX Rm 8.30; 1Co 13.12
SÁB Gn 12.1-3; 1Ts 1.4
DOM Rm 8.28-30, 1Jo 2.27-29

Semana 5

SEG Is 9.6-7; Mt 4.17
TER Mt 25.31-46
QUA 1Co 15.24
QUI At 5.11, 20.17-28
SEX Mt 18.15-17
SÁB Tt 1.5-9
DOM Hb 12.22-24

Semana 6

SEG Mt 3.5,6,13-17
TER At 2.41,42
QUA 16.33, 18.8
QUI Rm 6.3-5
SEX Mt 28.19
SÁB 1Co 11.23-29
DOM At 2.42, 20.4-8

Semana 7

SEG Ex 20.8-11
TER Hb 4.4
QUA At 20.4-8
QUI 1Co 16.1,2
SEX Ap 14.12,13
SÁB Gn 2.3; Ez 22.8
DOM Hb 4.9-11

Semana 8

SEG Rm 1.6-7
TER Mc 3.13,14; At 6.1-4
QUA Jo 21.15-17
QUI Mt 10.9,10
SEX Rm 8.28-30
SÁB Fp 4.14-18
DOM 1Tm 4.14

Semana 9

SEG Gn 1.1; Sl 24.1
TER At 17.28
QUA 1Pe 1.18-21; Rm 1.14
QUI Mt 25.14-30
SEX Mt 25.31-46
SÁB Ml 3.8-12
DOM Pv 3.9,10

Semana 10

SEG Jo 17.20; 20.21
TER Rm 1.16
QUA Rm 10.13-15
QUI 2Co 5.18-20
SEX Jo 13.14
SÁB 1Co 3.1,2
DOM Cl 1.28

Semana 11

SEG Tg 4.12
TER Dn 3.15-18
QUA At 4.9-20; 19.35-41; Rm 13.1-7
QUI 1Tm 2.1-3
SEX Mc 6.37
SÁB Mq 6.8
DOM Tg 1.27

Semana 12

SEG Gn 1.27; 2.18-25
TER Ml 2.15; Ef 5.22-33
QUA Sl 127.1-5
QUI At 16.31-34
SEX 1Pe 3.1-7
SÁB Cl 3.18-25
DOM Ef 6.1-4

Semana 13

SEG Gn 2.16,17
TER 1Co 15.21,26
QUA Is 8.19-38
QUI Rm 14.7-9
SEX Mt 13.19,40
SÁB Mt 25.14-16
DOM Ap 20.11-15

A NECESSIDADE DE UMA DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA

(EXTRAÍDO DE PRINCÍPIOS e DOUTRINAS BATISTAS:

OS MARCOS DE NOSSA FÉ. RIO DE JANEIRO: JUERP, P. 63-72)

Por que uma declaração doutrinária? Não temos a Bíblia como única regra de fé e prática? Estas perguntas são frequentes. Há os que afirmam: não trato de doutrinas; para mim, o que importa é o que está na Bíblia.

Tais questionamentos acerca da necessidade de doutrina soam como piedosas. Na verdade, estão fazendo uma dicotomia entre doutrina e Bíblia que, aliás, não existe. As próprias Escrituras citam abundantemente a palavra doutrina. Quando Jesus ensinava, os que o ouviam se “maravilhavam de sua doutrina” (Mt 7.38; 22.33; Mc 1.22). Em Atos, lemos que os primeiros cristãos “perseveravam na doutrina dos apóstolos” (At 2.42). O apóstolo Paulo alerta a Timóteo: “Tem

cuidado de ti mesmo e do teu ensino” (1Tm 4.16). E a Tito diz “retendo firme a palavra fiel, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para exortar na sã doutrina como para convencer os contradizentes” (Tt 1.9).

Por outro lado, existem as más doutrinas contra as quais as Escrituras alertam. Jesus, citando o profeta Isaías, fala dos que em vão adoram a Deus, “ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Mc 7.7). O apóstolo Paulo adverte a cerca do perigo de crentes não maduros, “como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrinas, pela artimanha de homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (Ef 4.14).

Para ficar apenas com estas passagens, podemos concluir que doutrinas são ensinamentos acerca da fé cristã. Assim como há doutrinas verdadeiras, também existem as falsas.

Voltemos à pergunta inicial: Por que uma declaração doutrinária como a nossa – a Declaração da Convenção Batista Brasileira? Veremos duas razões por que precisamos declarar em artigos doutrinários as nossas crenças. Primeiro, porque sempre surgiram declarações doutrinárias através da história. A segunda razão é a afirmação da identidade doutrinária.

DECLARAÇÕES DOUTRINÁRIAS ATRAVÉS DA HISTÓRIA

O povo de Deus sempre procurou expressar sua fé em declarações resumidas e objetivas com o desejo de afirmar aquilo em que creem.

1. DECLARAÇÕES DOUTRINÁRIAS CONTIDAS NA BÍBLIA

Recuando ao Antigo Testamento, podemos ler a primeira declaração de fé monoteísta de Israel, o “shema” (em Português, OUVÉ), citada pela manhã e no final da tarde pelos judeus: “Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6.4).

Ainda há uma declaração mais desenvolvida em Deuteronômio 26.5-10. Ao ler

o texto, podemos ver o que John Watsch chama de “recitação do credo” (WATSS, John D.W. *Deuteronômio, Comentário Bíblico Boadman*, Rio de Janeiro: JUERP, 1990. p. 314. Vol. 2).

Nele, podemos perceber afirmações históricas da fé dos hebreus. A primeira é: “Arameu prestes a perecer foi meu pai”, uma referência a Jacó, o patriarca. A segunda, no versículo 5, fala da chegada do patriarca e da sua família ao Egito e ali se tornaram “nação grande, forte e numerosa”, mas a terceira afirmação fala que, após clamarem, “o Senhor nos tirou do Egito com poderosa mão, e com braços estendidos, e com grande espanto, e com sinais, e com milagres”. Por último, diz que Deus “nos trouxe a este lugar e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel”.

Comparando as afirmações com artigos de fé, Watsch escreveu que “eles foram o molde no qual se expressam a fé cristã e suas doutrinas” (Ibid, p. 316).

No Novo Testamento, encontramos um desenvolvimento melhor do que chamamos declaração de fé ou declaração doutrinária. Quando Pedro responde a Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, estava declarando a sua fé. Isso é doutrina. Podemos ler em outros textos de declarações da fé cristã (At 8.37; Rm 1.3-5; 8.34; 10.9,10; 1Co 8.6; 12.3; 15.3-8; 1Tm 3.16; 6.13,14; 2Tm 4.1; 1Pe 3.18-22).

Ainda nas cartas neotestamentárias vemos grande preocupação com o conteúdo da fé cristã como transmitida pelos apóstolos: “Se alguém ensina alguma doutrina diversa, e não se conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de contendas e questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, injúrias, suspeitas maliciosas” (1 Tm 6,3,4). Num tom polêmico, Judas, escrevendo aos cristãos de sua época, anuncia o objetivo de sua epístola: “Amados, enquanto eu empregava toda a diligência para escrever-vos acerca da salvação que nos é comum, senti a necessidade de vos escrever exortando-vos a pelejar pela fé que de uma vez foi entregue aos santos (Jd 3). Os dois textos citados mostram que os cristãos da época apostólica já estavam lutando contra infiltrações de falsos ensinamentos que ameaçavam a integridade doutrinária das igrejas.

2. AS DECLARAÇÕES DOUTRINÁRIAS DOS CREDOS ANTIGOS

A origem dos credos situa-se nos primeiros séculos do cristianismo, notadamente como respostas às controvérsias acerca da natureza divina e da pessoa de Cristo nos séculos quarto e quinto.

A palavra “credo” (do latim “eu creio”) é “uma declaração resumida da crença

e da fé cristã” (GRENS, Stanler J. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Vida, 1999, p. 32). O primeiro é conhecido, historicamente, como credo dos apóstolos, cuja autoria é desconhecida, provavelmente, formulado no segundo século e concluído, na sua forma final, no quarto século. O conteúdo do credo dos apóstolos visava responder às heresias dos gnósticos, os quais já ameaçavam os cristãos do final do primeiro século.

O segundo é o credo de Niceia, formulado em 325 e revisado em 381, em Constantinopla, por isso, chamado também de credo niceno ou niceno-constantinopolitano. Esse credo assegurou a integridade do ensino ortodoxo da Trindade divina em contraposição às opiniões de Ário, que negava a divindade de Cristo. Ário foi do quarto século, ensinava que, devido à unidade divina, Jesus não seria Deus. Os ensinamentos de Ário foram retomados por vários grupos que negam a divindade de Cristo, principalmente, as Testemunhas de Jeová. Na sua revisão, em 381, ao credo niceno, acrescentou-se o item referente à divindade do Espírito Santo.

O último a ser abordado aqui é o Credo de Calcedônia, em 451, cujo texto objetivou clarificar que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, “em duas naturezas, inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis, inseparáveis”. Essa declaração doutrinária descarta

doutrinário de cerca de 100 igrejas batistas inglesas e do País de Gales. É a chamada Confissão de fé batista de 1989.

O grande pregador inglês Charles H. Spurgeon (1834-1892) possuía tanta consideração por essa confissão de fé que declarou: “Este pequeno volume não é publicado com regras autoritárias ou código de fé, ao qual estejais agridados, mas uma assistência para vós na controvérsia, uma confirmação na fé e um meio de edificação na justiça” (Confissão de fé batista, op. cit. p. 6).

Após a formação de igrejas batistas nas colônias inglesas dos Estados Unidos do século 18, a Associação Batista da Filadélfia, em 1742, elaborou a “Confissão de Filadélfia”, semelhante à Confissão de fé batista, em 1689, dos batistas ingleses. Contrapondo-se ao calvinismo da Confissão de Filadélfia, surgiu a Confissão de New Hampshire, em 1833, “mais sucinta, mais simples e menos calvinista”, nas palavras do Dr. John Landers (LANDERS, John. *Confissão de fé batista*, Revista Teológica. STBSB, nº 3, junho de 1986, p. 62).

No Brasil, os batistas, na convenção de 1916, adotaram a Confissão de fé de New Hampshire, trazida pelo missionário Z.C. Taylor e adotada primeiramente pela Primeira Igreja Batista no Brasil, em Salvador.

O texto passou a ser chamado “A Confissão de fé dos batistas do Brasil”. Segundo José dos Reis Pereira, “a aceitação dessa declaração era, segundo os Estatutos da Convenção, o sinal identificador de igreja batista regular” (PEREIRA, José dos Reis. *História dos batistas no Brasil, 1882 a 1982*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982, p. 87). Essa declaração doutrinária vigorou até 1986 quando surge a atual Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, em 19 artigos, aprovada pela Convenção de 1986 em Campo Grande, MS.

5. AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DOUTRINÁRIA

Iniciamos este tópico com uma declaração de Philip Schaff, historiador dos credos e confissões, quando disse que: “a igreja cristã nunca ficou sem um credo”.

Por que, por meio da história, os cristãos sentiram necessidade de ter suas crenças formuladas resumidamente? Não lhes bastaria dizer: “Temos a Bíblia. Aqui estão nossas doutrinas e a base de nossa prática”? Ou como algumas igrejas americanas, no início do século 19, professaram sob o lema: “Nenhum credo senão a Bíblia”?

Embora as confissões de fé ou declarações doutrinárias não tenham o mesmo valor das Escrituras, os protestantes (e também os batistas) veem nelas res-

postas às controvérsias teológicas e às pressões doutrinárias da época.

Vejamos como exemplo o capítulo 29 da Confissão de fé batista de 1689, que trata do batismo: “O batismo é uma ordenança do Novo Testamento, instituído por Jesus Cristo [...]. Somente podem ser submetidos a esta ordenança as pessoas que de fato professam arrependimento para com Deus, fé e obediência ao Senhor Jesus Cristo [...]. Para a devida administração desta ordenança é necessário a imersão, ou seja, a submersão da pessoa na água”.

Os trechos acima da confissão de fé afirmam a posição doutrinária dos primeiros batistas da Inglaterra diante da prática não só da igreja romana como, também, das várias igrejas protestantes que ainda preservavam “resíduos” doutrinários do romanismo. O texto fala do batismo como ordenança em contraposição a sacramento. Depois, declara que somente os que “professam arrependimento para com Deus, fé e obediência ao Senhor Jesus Cristo” são de fato batistas, o que exclui batismo infantil ou de “criança de colo” como há, inclusive, em várias denominações protestantes. Por último, a confissão diz que para a “ordenança é necessária a imersão”, contrapondo-se à forma da aspersão ou afusão na qual gotas de água

são derramadas na cabeça do candidato, contrariando as evidências do Novo Testamento.

O exemplo do batismo tornou claro para nós o quanto a confissão de fé ou declaração doutrinária é importante para demarcar os limites da nossa teologia.

Grupos neopentecostais adotam a “teologia da prosperidade”, a oração da “louca mania de mandar em Deus”, e outras práticas absurdas num uso e abuso das Escrituras. Já existem, inclusive, comunidades evangélicas compostas de homossexuais que defendem abertamente a prática do homossexualismo usando textos isolados da Bíblia.

Para nós, isso não é nada estranho. Satanás, quando tentou Jesus no deserto, apossou-se de passagens das Escrituras para levar nosso Senhor ao pecado. Entretanto, Jesus Cristo respondeu: “Está escrito” e “Também está escrito”.

A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira é a nossa resposta aos erros teológicos históricos e às inovações doutrinárias surgidas ultimamente. Ela é o nosso “está escrito” e “também está escrito” para hoje. A nossa declaração doutrinária não é autoridade paralela às Escrituras, mas é um demarcador doutrinário e um resumo da teologia cristã do povo batista nos seus 19 artigos.

AS ESCRITURAS SAGRADAS

TEXTO BÍBLICO

**SALMO 119;
SALMO 19; ISAÍAS 40**

TEXTO ÁUREO

SALMO 119.89

» PRA COMEÇAR

Em 2008, enquanto seminarista, entrevistei o pr. Irland Pereira de Azevedo e me lembro com clareza de sua tese: “O cristianismo é a religião da Palavra, da palavra profetizada, da palavra cantada, mas, sobretudo, da Palavra encarnada. Jesus Cristo é a Palavra”. Desde então considero esta verdade um norte para a minha vida e ministério. A Bíblia não pode ser lida apenas como um texto. A Bíblia precisa ser compreendida à luz da vida e obra de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Assim, a Bíblia não é um livro de regras, mas um livro de princípios, que de Gênesis a Apocalipse revela o amor de Deus por seu povo, por seus discípulos, por sua igreja.

Estudar a Palavra deve ser um prazeroso exercício de relacionamento com o Senhor. A Bíblia é um espelho que nos lê. Nela, conhecemos Deus, conhecemos suas virtudes e sua graça maravilhosa, mas, também, nela nos vemos como parte deste grande plano de amor.

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

A PALAVRA REVELA A ETERNIDADE DE DEUS E DE SEUS PROPÓSITOS

Sl 119.89: “Senhor, tua palavra está firmada para sempre nos céus”.

A Bíblia é a Palavra Santa de Deus, sua revelação e manual de conduta para seus filhos. O Salmo 119, provavelmente, fora escrito por Esdras ou Daniel, ou ainda um acróstico composto por Davi e trazido à memória num momento fundamental da história de Israel, como desejo de reconstruir sua história como povo, como nação.

Os judeus sabiam que a única maneira de se reconstruírem como nação era aprofundando a relação com o Deus eterno, por isso, formaram este grande acróstico que forma o Salmo 119. Cada versículo se inicia com uma letra do alfabeto hebraico, facilitando a memorização dos textos e, por consequência, sua aplicação nos dias de angústia.

Você não deve apenas memorizar a Palavra, mas, em todo tempo, conhecê-la para que em tempos de angústia o Espírito Santo traga-lhe à memória que o Deus eterno jamais perdeu o controle e que nenhuma circunstância pode pegá-

lo de surpresa. O Pai está sempre atento ao clamor de seus filhos e ainda que nada mude ao nosso redor, em nosso coração encontraremos a paz que excede o entendimento que só ele pode dar.

A PALAVRA REVELA A CRIAÇÃO DE DEUS

O Salmo 19 traz uma das maiores e mais importantes frases de todo o texto bíblico: *“Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia declara isso a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Sem discurso, nem palavras; não se ouve a sua voz. Mas sua voz se faz ouvir por toda a terra, e suas palavras, até os confins do mundo”*.

O salmista entendeu um mistério que só foi revelado na história pelo ministério de Cristo, no Novo Testamento.

Deus está em missão no mundo. Quando Adão chegou, ele já estava lá; quando Noé desceu da arca, ele já estava lá; quando Moisés foi ter com o faraó, ele já estava lá; quando os profetas clamavam ao povo, ele já estava lá; quando Paulo prega no areópago, ele já estava lá; quando alguém lhe apresentou o evangelho,

ele já estava lá, com seu perfeito e santo Espírito lhe convencendo do pecado, da justiça e do juízo.

“Achar que o mundo não tem um criador é o mesmo que afirmar que um dicionário é o resultado de uma explosão numa tipografia”, disse Benjamin Franklin.

Ainda que toda as profecias se calassem, ainda que todas as igrejas fechassem suas portas, ainda que nenhum púlpito estivesse ocupado, ainda assim a Palavra de Deus seria pregada porque ela é mais que um discurso ou um texto. Ela é revelada pelos céus, pelo firmamento, pelos dias, pelas estações, mas de forma cabal e suficiente na vida e obra do Senhor Jesus, o Cristo, o Ungido de Deus. É preciso conhecer a Palavra e a obra criadora, restauradora e redentora de Jesus.

Eugene Peterson em “O pastor contemplativo” escreve: “O silêncio da natureza é o discurso que ela profere”. Precisamos descansar no Deus que criou todas as coisas e gastar tempo alimentando a nossa fé nesta incrível demonstração de amor e graça do Pai, a natureza, que silenciosamente grita aos nossos ouvidos: “Se ele cuida de tudo isso, imagine de vocês, filhos e filhas queridas do supremo Criador de todas as coisas?”

A PALAVRA DO SENHOR RENOVA AS NOSSAS ESPERANÇAS

Isaías 40.11: *“Ele cuidará do seu rebanho como um pastor; recolherá nos braços os cordeirinhos e os levará no colo; guiará mansamente as que amamentam”*.

A exemplo do salmista, Isaías também está vivendo dias de incertezas, medo e tristezas, o exílio foi muito cruel com o povo, as mulheres foram violentadas,



os idosos abandonados, os homens maduros mortos, os jovens capturados, o templo destruído, a cidade arruinada, as crianças esmagadas contra as pedras.

O povo foi violentado de todas as formas, a sensação era de abandono, desesperança, desalento. Mas, a Palavra viva do Senhor é capaz de produzir esperança. Ao longo de todo o capítulo 40 de Isaías, o profeta, olhando para o povo, deixa uma grande mensagem: “Ainda que nada dê certo, tudo vai ficar bem”.

O exílio ainda não tinha acabado, a dor ainda era presente, mas a Palavra é capaz de produzir em nós a certeza do pastoreio do Senhor, por isso, é fundamental que a conheçamos e a tenhamos em nosso coração como bússola, como norte, para que nos dias maus sejamos capazes de crer apesar das circunstâncias.

A promessa do Bom Pastor não foi de que nos guiaria por águas tranquilas, mas para as águas tranquilas. Se ainda não estamos nelas é porque ainda não chegamos ao final da caminhada. Até lá a Palavra nutre em nós a esperança.

» A LIÇÃO EM FOCO

- Não tenha uma relação meramente religiosa com a Palavra; ela não é amuleto, mas é luz para seu caminho.
- Deus é eterno em todos os seus propósitos e é a Palavra que revela isto. Você terá uma vida mais segura se compreender que ele não, necessariamente, mudará as circunstâncias em que você está inserido, mas sempre mudará seu coração para seguir firme apesar delas.
- Deus se revela nos detalhes para fortalecer a nossa fé e a Palavra nos inspira a isto. O cotidiano pode ser cruel conosco, sobretudo, com os mais jovens que precisam dar conta de inúmeras atividades como trabalhar, estudar, namorar e, quiçá, cuidar da casa e da família, mas precisamos ter um tempo para contemplar a natureza e toda a criação de Deus. Faça um exercício, olhe para uma paisagem, para um

recém-nascido, para uma árvore ou um animal, procure nele traços singulares da criação e do amor de Deus; se não o conseguir, ore ao Senhor pedindo-lhe que não permita que a vida lhe tire o viver.

- Deus renova as nossas esperanças e é na Palavra que ele nos confirma isto. Embora vivamos dias maus, como o profeta e o povo, o amanhã sempre trará algo novo, como um maná, suficiente para nos sustentar até ele soberanamente nos conduzir para um lugar melhor.

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

Ame a Palavra. Não a idolatre para que não se torne um legalista hipócrita, mas ame-a, leia-a, estude-a, medite nela, plante-a no seu coração e no coração da sua família. Certamente, dias maus virão. Certamente, a nossa fé será abalada. Certamente, passaremos dias de dúvidas sobre a vida e até sobre o amor e graça de Deus. Será nesse dia mal que a Palavra guardada em seu coração lhe trará à memória “o que lhe dá esperança”.

DEUS PAI, FILHO E ESPÍRITO SANTO

TEXTO BÍBLICO

SALMO 139, JOÃO 1; 14

TEXTO ÁUREO

JOÃO 14.15,16

» PRA COMEÇAR

existem, “quem será o Espírito que há de vir sobre nós?”

Com o passar do tempo, estas perguntas foram sendo respondidas pelos autores bíblicos, mas, ainda assim, eram temas de calorosas discussões teológicas que culminaram no tratado teológico que pôs fim à discussão oficial sobre o tema, o famoso Concílio de Niceia que definiu dentre outras que “Cremos no Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do céu e da terra”. “Cremos em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor”. “Cremos no Espírito Santo”.

Nasce aqui o termo “Trindade” e, embora o vocábulo não esteja explicitado em nenhum texto bíblico, seu conceito permeia todo o Novo Testamento. A. B. Langston aperfeiçoa o entendimento da doutrina da Trindade estabelecendo uma ideia que chamou Triunidade: “*Temos a doutrina da Trindade pelo fato de Deus se haver revelado como Pai, como Filho e como Espírito Santo. Há uma tríplice revelação porque há um modo tríplice de existir [...] Se não houvesse uma tríplice manifestação própria de Deus, jamais se revelaria aos homens a Triunidade de sua existência*”.

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

“Se me amardes, obedecereis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador para que fique para sempre convosco” (Jo 14.15,16).

Neste texto, vemos uma demonstração clara da Trindade divina, Jesus o Deus Filho, anunciando aos discípulos que o Deus Pai enviaria o Deus Espírito Santo.

TRINDADE: TRAÇO DE DEUS OU CONSTRUÇÃO TEOLÓGICA?

É importante fundamentar que a Trindade não é uma invenção meramente teológica; ela é um traço eterno de Deus, ou seja, a Trindade é eterna, ela sempre existiu, por isso, é possível encontrar o conceito de Trindade nas Escrituras, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento.

Gruden diz: *“Se Deus existe eternamente como três pessoas, seria surpreendente não encontrar indicações no Antigo Testamento. Embora a doutrina da Trindade não é explicitamente no Antigo Testamento, várias passagens sugerem ou mesmo implicam que Deus existe como mais de uma pessoa”.*

HÁ HIERARQUIA NA TRINDADE?

A resposta é não. É muito comum cometermos esta grande heresia de classificar a Trindade por hierarquia e, assim, acabamos por instituir esta falsa hierarquia pela leitura equivocada do texto de João, como se o Pai fosse superior ao Filho, por tê-lo enviado, e o Filho mais que o Espírito pela mesma razão.

Mas, a Trindade não é um lugar de hierarquia; a trindade é um lugar de relacionamento. Na missão redentora de Deus no mundo, numa comunidade Santa e perfeita, o Filho revela o Pai por intermédio do Espírito Santo, e a esta comunidade chamamos Deus.

Este é o conceito de Triunidade de Gruden, embora revelado de três formas, Deus é um ser único, indivisível e autossuficiente.

DEUS PAI

Jesus revelou a paternidade de Deus. Em Mateus 6.9, Jesus inicia sua oração causando grande impacto na vida de todos os que o ouviam. Ele não se refere a Deus como um ser distante e impessoal, mas, sim, como o Papaizinho do céu, o Abba.

Compreender a paternidade de Deus é um grande privilégio. Enquanto escrevia honrosamente estas lições, Deus me presenteou com a Laura, nossa primeira filha, e com ela me ensinou algumas lições que mudaram minha perspectiva sobre ele.

Deus sempre foi Pai. Nós precisamos aprender a sermos filhos.

Laura foi muito esperada por nós. Após quase 6 anos de tentativas, ela foi anunciada numa tarde de sexta-feira, mas eu já era pai dela muito antes de saber de sua vida embrionária. Eu já sonhava com ela, já planejava a vida com ela, já podia até sentir seu cheirinho. Eu sempre fui pai da Laura, mas ela ainda não era minha filha. Laura só seria minha

filha quando ela fosse capaz de olhando todas as outras pessoas, reconhecer em meu rosto o pai dela; ela só seria minha filha quando após ouvir todas as vozes, reconhecer em minhas palavras o meu amor por ela; ela só seria minha filha, após entre todos os colos que ela ganhase, ela conseguisse aconchegar-se no meu colo. A minha missão é revelar-me como pai para a minha filha amada.

Deus revelou-se como Pai presente, amoroso e cuidadoso. A nossa tarefa como filhos é reconhecer seus tributos mesmo diante de tantos deuses deste tempo, reconhecer sua terna voz em meio a muitas vozes, aconchegarmos em seus braços reconhecendo nele o repouso necessário e suficiente para a nossa alma.



DEUS FILHO

Colossenses 1.15-20 faz as mais profundas afirmações sobre o Deus Filho. Combatendo as heresias dos gnósticos do primeiro século, o apóstolo Paulo escreveu: “Ele é a imagem do Deus invisível”.

Jesus afirmou: “quem vê a mim, vê ao Pai” (Jo 14.9). O evangelista João, no prefácio do seu Evangelho, afirma: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”.

Jesus é o Deus encarnado, apresentado na figura do Filho, que tem como missão apresentar ao homem caído um Pai amoroso, misericordioso e suficientemente Salvador.

O Filho não só cumpriu como encarnou todas as promessas a seu respeito que o Antigo Testamento anunciou.

- **Jesus como homem.** Efésios 2.5 narra o que chamamos “*Kenosis*”, processo de esvaziamento de Jesus dos seus atributos divinos. O Filho era verdadeiramente homem e como homem estava sujeito às paixões e tentações humanas, mas manteve-se fiel a Deus e aos seus propósitos eternos.

- **Jesus como Cordeiro.** Jesus é também o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. É, segundo a Carta a Timóteo, “o único mediador entre Deus e o homem”, e só lhe foi possí-

vel ser esse mediador por sua morte expiatória em nosso favor. A morte de Jesus Cristo abriu um novo e vivo caminho para que os filhos rebeldes encontrassem o Pai.

- **Jesus como Leão.** Jesus é Senhor e Rei sobre todas as coisas, ainda referenciado em Colossenses 1: “Foi do agrado do Pai que *“toda a plenitude habitasse nele”*. Sem ele *“nada do que foi feito se fez”* (Jo 1.3). *“Dele, por ele e para ele são todas as coisas”* (Rm 11.36).

Poderíamos citar ainda outras dezenas de textos que narram a soberania de Cristo, pois o Cordeiro de Deus também é o Leão, aquele que venceu a morte e nos deu vida eterna, cujo nome é sobre todo nome e diante do qual “todo joelho se dobrará”.

- **Deus Espírito Santo.** O Espírito Santo é anunciado no Novo Testamento como paráclito, o Consolador enviado por Deus para fazer de nós sua eterna morada. Ele convence o homem *“do pecado, da justiça e do juízo”* (Jo 16.8). Ele ilumina o homem para que este seja capaz de entender a vontade do Pai.

O Espírito Santo é nosso intercessor. Ele é o que ora em nosso favor com “gemidos inexprimíveis”. A doutrina do Espírito Santo é melhor compreendida quando estudamos seu papel no ministério da igreja de Cristo.

» A LIÇÃO EM FOCO

- A Trindade não tem hierarquia, é uma comunidade relacional.
- Deus é Pai, nós precisamos nos relacionar com ele para aprendermos a ser filhos.
- Jesus Cristo é o Deus encarnado, sua vida e obra nos inspira a uma comunhão com o Pai.
- O Espírito Santo está atuando diretamente em nós e em nosso meio por meio de nós. Ele é nosso consolador na angústia, exortador nos deslizes e encorajador nas dificuldades.

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

Como tem sido sua relação com a Trindade santa de Deus? Para você, Deus é só um compilado de construções teológicas e doutrinais ou é um ser pessoal e relacional que inspira sua vida em favor de seus propósitos eternos? A igreja de Cristo precisa estar atenta aos gritos desesperados do “mundo” para que de forma amorosa e digna apresente o amor de Deus, o Pai, a maravilhosa e suficiente graça do Filho e as presentes e constantes consolações do Santo Espírito, crendo que isso sempre nos será o suficiente.